

A meu ver

Elenco de personagens

JEREMIAS:

POLICARPO:

DONA ESPERANÇA:

LUDOVINA:

UMBELINA:

DONA BRITES:

BERNARDETE:

MANA 1:

MANA 2:

SALOMÉ:

OFÉLIA:

GARIBALDO:

ZULEICA:

GISELA:

IA:

LUDOVICO:

AGENTE IMOBILIÁRIA:

SENHORA INFANTE:

CENA INICIALA reunião de condomínio

Assembleia geral de condóminos. Os vários condóminos vão chegando e falando uns com os outros, num compasso de espera inicial.

Podem estar todos os atores. Cada um representa uma fração.

Depois da reunião de condomínio, que será num espaço comum, vamos seguir estas personagens e outras que não estão presentes, nas suas casas, com problemáticas diferentes.

No final, regressam à reunião de condomínio para o fecho.

Os primeiros a chegar são os administradores do condomínio.

JEREMIAS

Bem, vamos ver quantas pessoas vêm hoje. Só tenho uma procuração.

POLICARPO

Isto tem de levar uma volta.

JEREMIAS

Já há muito tempo. É preciso tomar decisões...

POLICARPO

Pois, é preciso tomar decisões.

JEREMIAS

É isso mesmo... Mas às vezes não querem.

POLICARPO

Não querem, ou não podem! É que às vezes/

JEREMIAS

Não temos a vida toda.

POLICARPO

Alguém tem de tomar a iniciativa!

Noutra zona da sala de condóminos, os vizinhos conversam.

DONA ESPERANÇA

Dona Ludovina, senhor Ludovico, já não os via há muito tempo. Está tudo bem?

LUDOVINA

Oh Dona Esperança, é o trabalho!

LUDOVICO

É o trabalho.

LUDOVINA

Sabe como é, os dias passam e é casa trabalho, trabalho casa...

LUDOVICO

É ir levar os miúdos às atividades...

LUDOVINA

O tempo passa a correr.

DONA ESPERANÇA

Ai, a quem o diz, Dona Ludovina.

LUDOVINA

Dona Esperança, a senhora não está já reformada?

LUDOVICO

Pois... já está reformada!

DONA ESPERANÇA

Estou, mas a vida não pára.

LUDOVINA

Nem me diga!

LUDOVICO

Nem me diga!

LUDOVINA

Eu olho para os miúdos. Mal nasceram e já está quase a sair de casa.

DONA ESPERANÇA

Olhe, por falar em miúdos. Vi o seu mais velho. Aquilo deve ser cá de uma raça!

LUDOVINA

Dona Esperança, como é que está a questão das infiltrações?

LUDOVICO

Pois... as infiltrações...

LUDOVINA

Já resolveram?

DONA ESPERANÇA

Acha? Ninguém resolve. Mas hoje vai ter de ficar resolvido. Hoje ninguém em cala.

É que eu, você sabe, eu sou uma mulher doente. Eu já tive uma pneumonia - uma pneumonia séria - e até já falei com um advogado que me disse que eu posso processar o condomínio, e receber uma indenização por isso, se eu quiser... eu posso fazer isso, se eu quiser, disse ele. Mas eu não quero. Não senhor, eu só quero que me tratem da minha infiltração, que isto já se arrasta há mais anos que eu sei lá.

*Chega o Senhor Garibaldi com a neta Gisela.
Cumprimenta os vizinhos e senta-se ao telemóvel.*

GISELA

Boa noite.

Como está?

Oh Avô, onde quer sentar-se?

GARIBALDO

Na esquerda alta.

DONA BRITES

(Para Bernardete)

Olhe. Este é o sr. Garibaldi. É do 4º esquerdo. Um antipático. É estrangeiro.

BERNARDETE

4º esquerdo? São de lá aqueles barulhos?

GISELA

Barulhos no 4º esquerdo? Ouvem alguma coisa?

DONA BRITES

Não. Não ouvimos nada, filha. Como está o avô?

GISELA

Está tudo bem, obrigada.

DONA BRITES

(para Bernardete)

É mesmo do 4º esquerdo que vêm os barulhos. Só mora lá ele e a "neta", onde já se viu!

BERNARDETE

É sempre à hora da minha meditação. É ele, são os estudantes... é o miúdo endiabrado da Ludovina e do Ludovico...

DONA BRITES

Já percebi. Então é por isso que a senhora anda no estado em que anda.

BERNARDETE

Eu?

Entram, a custo, as manas do 5º Frente, duas idosas com algumas dificuldades de locomoção.

MANA 1

Estás a ver que ainda não começou. Eu bem te disse.

MANA 2

Mas já devia ter começado. Oh, filha, dás-me um jeitinho, para me sentar ali ao lado da mana, pode ser?

Boa noite. Como está?

MANA 1

Olha Mana... Da próxima vez vens sozinha. Estou cansada deste prédio.

O Senhor Garibaldi acena, mas não fala.

Entra Salomé e dirige-se para junto do Sr. Policarpo e do Sr. Jeremias.

SALOMÉ

Então, começamos?

POLICARPO

Vamos a isso.

SALOMÉ

(para o grupo)

Boa noite. Boa noite a todos, novamente. Vamos começar?

Todos se sentam rapidamente. Salomé, o Senhor

*Policarpo e o Senhor Jeremias ficam destacados
atrás de uma mesa.*

POLICARPO

Ora vou dar início à Assembleia Geral Ordinária de condóminos do nr. 10 da Avenida de Portugal, que se realiza no dia _____ (colocar a data do dia do espetáculo).

JEREMIAS

Já passamos a lista de presenças. Temos quorum.

SALOMÉ

Eu tenho a procuração da Senhora Infante, que representa as frações do 8º e do 7º Esquerdo e direito e ainda do 1º frente, 2º esquerdo e 3º esquerdo.

DONA BRITES

Essa qualquer dia é dona do prédio.

MANAS 1 E 2

Já faltou mais.

JEREMIAS

Muito bem. Vamos ver a agenda para hoje.

SALOMÉ

Temos a questão da pintura e da impermeabilização do prédio.

Temos a questão dos canteiros da entrada.

Temos a questão dos contadores partilhados com os prédios do lado, que estão a ser debitados na nossa conta, e não conseguimos resolver.

E temos a questão a eleição da nova direção.

Há mais questões que queiram discutir?

DONA ESPERANÇA

A minha infiltração.

UMBELINA

Eu queria falar da esplanada/

BERNARDETE

Eu queria falar dos barulhos do prédio e sobre a esplanada do café/

JEREMIAS

Quais barulhos?

BERNARDETE

Os saltos, as festas dos estudantes, as discussões...

DONA ESPERANÇA

As crianças, os outros barulhos de certas casas...

Isto é um prédio de família!

SALOMÉ

Obrigada. Já está na agenda.

GARIBALDO

...

GISELA

Oh, avô!

GARIBALDO

...

SALOMÉ

Senhor Garibaldi quer acrescentar alguma coisa?

GISELA

Não, não, obrigada.

POLICARPO

Como sabem, nós os três estamos há mais de 4 anos, a assegurar o mínimo, mas não pode continuar assim.

JEREMIAS

Nós os três tomámos uma decisão.

POLICARPO

Sim. Tomámos uma decisão.

JEREMIAS

É irrevogável.

POLICARPO

Irrevogável. Irrevogável.

SALOMÉ

Como já perceberam. Vamos deixar a direção do condomínio.

JEREMIAS

É isso mesmo.

POLICARPO

É verdade. E não voltamos atrás.

SALOMÉ

E por isso, já sabem qual é a nossa decisão, e temos de eleger uma nova administração.

DONA ESPERANÇA

Pois claro. Alguém devia voluntariar-se. Não podem ser sempre os mesmos. Eu concordo plenamente.

JEREMIAS

É isso mesmo, Dona Esperança.

DONA ESPERANÇA

Eu até o faria de bom grado, mas não posso.

MANA 1

Pois. Os mais novos. Tem de ser alguém mais novo, não é?

OFÉLIA

Sim, claro. Alguém mais novo.

JEREMIAS

Qualquer pessoa pode/

MANA 2

Não. Tem de ser alguém mais novo. Imagine que era eu ou a mana. Já não estamos em condições. Eu já quase não leio.

MANA 1

E eu, com as artroses. Nem pensar! É preciso ter uma certa energia. Mas alguém devia pegar no condomínio.

SALOMÉ

Já estamos neste impasse há mais de 4 anos. Na realidade, nós não somos os administradores. Estamos a assegurar interinamente, para fazer a manutenção mínima do prédio.

GARIBALDO

(em estrangeiro. Ninguém percebe)

E tem sido mesmo muito mínima. Está uma vergonha. Uma vergonha.

BERNARDETE

O que é que ele disse?

GISELA

Diz que este prédio está vergonhoso. Está cada vez pior.

DONA BRITES

Olha, o Sr. Garibaldi falou! Tem cá uma autoridade para falar!

GISELA

Desculpe, não percebi.

DONA BRITES

Eu estava a dizer que o senhor Garibaldi tem muita autoridade para falar.

DONA ESPERANÇA

Dona Brites, a senhora é que podia ser administradora.

OFÉLIA

Que excelente ideia.

DONA BRITES

Eu? Porquê eu?

DONA ESPERANÇA

Então... a senhora parece-me uma pessoa cheia de iniciativa. Até arranjou o canteiro há uns anos.

DONA BRITES

E diga-se que arranjei com muito gosto, mas depois, ninguém cuidou dele.

DONA ESPERANÇA

Isso era porque não queríamos meter-nos no seu trabalho.

OFÉLIA

E bem. E bem.

DONA BRITES

Sim, sim. Era pois.

SALOMÉ

Bem, desculpem interromper. Tem sido isto todos os anos, depois as pessoas começam a debandar. Discute-se muito, mas depois não se decide.

OFÉLIA

Tem toda a razão.

POLICARPO

Isto tem de ficar definido hoje. Eu sei que sou uma pessoa sozinha, não tenho família, mas tenho uma vida.

SALOMÉ

Eu sou da opinião que devíamos contratar uma empresa de gestão de condomínios.

OFÉLIA

Bem pensado. Se calhar é o/

Senhor Policarpo, Senhor Jeremias, Dona Brites, Dona Esperança, e Mana 1 insurgem-se contra a ideia das mais diversas formas. Não se percebe bem quais os seus argumentos, porque falam em simultâneo.

MANA 1

Concordas com isto, Mana?

MANA 2

Se calhar é o melhor.

MANA 1

Não, nem pensar. Já pagamos um balúrdio de condomínio, vamos ter de pagar mais.

MANA 2

Eles devem saber o que precisa de ser feito.

SALOMÉ

Meus senhores, é apenas uma sugestão. O prédio precisa de manutenção urgente, e se não fizermos nada, o investimento vai ter de ser maior.

BERNARDETE

Os ralos do pátio estão sempre entupidos. São os clientes do café, que atiram as beatas para o chão.

OFÉLIA

É uma chatice. Mesmo na nossa entrada.

DONA ESPERANÇA

Sabe o que é que faz isso? Desde que a Umbelina pôs a esplanada, ficou pior. Eu voto em retirar a esplanada. Quem mais vota?

OFÉLIA levanta a mão.

JEREMIAS

Antes temos de decidir quem é que vai assumir a administração.

LUDOVICO

Levanta a mão.

LUDOVINA

Levanto a mão?

LUDOVICO

Eu não me importo de ficar um ano.

LUDOVINA

É, nós não nos importamos de ficar um ano/

DONA ESPERANÇA

Têm a certeza que conseguem?

LUDOVICO

Tenho.

LUDOVINA

Tenho. Temos. Dona Esperança, a senhora tem alguma coisa para me dizer?

DONA ESPERANÇA

Eu???? Não. Claro que não. Mas, não sei. Sabe que o condomínio dá muito trabalho. O meu falecido marido, que Deus tem, foi administrador, e olhe, um bom administrador/

OFÉLIA

Pois foi. Um excelente administrador.

DONA ESPERANÇA

Pois era. Mas sabe que a vizinhança era diferente na altura.

OFÉLIA

Pois era. Havia respeito. As pessoas empenhavam-se mais.

DONA ESPERANÇA

E como eu dizia, o meu falecido marido foi administrador, e olhe, foi o condomínio que o matou. Ninguém me convence do contrário.

POLICARPO

Oh Dona Esperança... o condomínio não é fácil, mas não é assim tanto.

DONA ESPERANÇA

Eu é que sei. Eu é que sei. O Senhor acha fácil,
porque não tem mais nada que o ocupe.

OFÉLIA

Só quem passa por elas é que sabe.

DONA ESPERANÇA

Eu não quero estar aqui a cometer inconfidências,
Dona Ludovina, mas eu moro por baixo de si, e eu bem
sei o que oiço. A senhora não tem descanso, com
aquele mafarrico sempre a correr de um lado para o
outro. Nem a senhora, nem os outros vizinhos!

LUDOVINA

Acho que cada um sabe da sua vida.

LUDOVICO

É isso mesmo. Cada uma sabe da sua vida.

DONA ESPERANÇA

(entredentes)

Aquele miúdo um dia manda o prédio abaixo.

LUDOVICO

Que exagero.

LUDOVINA

Que exagero!

SALOMÉ

Obrigada, dona Ludovina. Senhor Ludovico. Precisamos
de mais duas pessoas.

DONA BRITES

A Senhora Infante é que deveria ser. Ela já é dona de
quase meio prédio.

JEREMIAS

É verdade.

MANA 1

Pois, mas os inquilinos dela são os que causam
maiores problemas. É música até altas horas. O cheio
a droga que está no patamar...

OFÉLIA

Pois é. Houve um dia em que o Fernão andava muito bem
disposto, e depois é que eu percebi o que é que foi.
Ele tinha estado a trocar a lâmpada da entrada,
respirou aquele cheiro... Foi uma pândega.

MANA 2

Não é uma pândega. É um caso de polícia.

POLICARPO

Já falámos sobre isso, não podemos fazer nada.

MANA 2

Mas nós não temos de levar com o cheiro.

JEREMIAS

Estamos aqui há quase uma hora, e ainda não decidimos nada.

OFÉLIA

Pois, ainda não decidimos nada.

LUDOVINA

Eu já me propus.

LUDOVICO

Nós já nos propusemos.

DONA BRITES

Eu não tenho vida para isso. Tenho muito trabalho.

LUDOVICO

Toda a gente aqui tem trabalho.

LUDOVINA

É isso mesmo. Toda a gente tem muito trabalho.

DONA BRITES

Mas cada um sabe o trabalho que tem e as responsabilidades que tem. Mas temos um problema nas infraestruturas.

DONA ESPERANÇA

Já para não falar das infiltrações.

OFÉLIA

Pois é, as infiltrações nas infraestruturas.

GARIBALDO

(Estrangeirês)

O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

(Pausa. Todos olham para Garibaldi e para Gisela.)

GISELA

Ah, pois. O que é que disseste, avô?

GARIBALDO

(estrangeirês - mas fala durante um texto extremamente longo.)

O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

GISELA

O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

OFÉLIA

Pois. É isso mesmo. Ninguém sabe.

DONA ESPERANÇA

Ou ninguém quer.

OFÉLIA

Ou ninguém quer.

DONA ESPERANÇA

Eu saber até sei. Olhe, a Dona Mónica e a Dona Mariana estão prestes a fazê-lo.

(A D. Mónica e a D. Mariana são as manas)

BERNARDETE

Os delas ou os do prédio?

DONA ESPERANÇA

O delas, claro.

BERNARDETE

É isso. No fundo, cada um de nós só quer os seus problemas resolvidos.

DONA BRITES

Com certeza.

SALOMÉ

Então não se faz nada. É isso?

BERNARDETE

Por mim, mantém-se como está.

JEREMIAS

Não se mantém como está.

POLICARPO

Nem pensar.

JEREMIAS

Por mim, acabou.

*O Senhor Jeremias sai da reunião. É seguido pelo
Senhor Policarpo.*

*Os restantes vão-se levantado e saindo também.
Cada um dizendo algo.*

DONA ESPERANÇA

Então estamos conversados? Eu bem disse que isto não
ia dar em nada. É sempre a mesma coisa. O português
não se envolve.

LUDOVINA

Se não está mais ninguém disposto a assumir, eu
também não.

LUDOVICO

Eu também não.

MANA 1

Eu disse-te, Mana. Este prédio já não interessa. Já
não interessa.

MANA 2

Tanta coisa para fazer. Nós podíamos/

MANA 1

Ah! Tu podes lá alguma coisa?

DONA BRITES

Oh Dona OFÉLIA, aquilo do seu marido foi mesmo
verdade?

OFÉLIA

Foi mesmo. Eu até já pensei fazer eu a mesma coisa.

DONA BRITES

Sabe que eu nunca experimentei. Cigarros já fumei
algumas vezes... na passagem de ano e assim. Mas, dá-
me tosse.

Não sabia que fazia efeito assim, só de se respirar.

OFÉLIA

Olhe que faz mesmo.

DONA BRITES

Quando lhe cheirar, diga-me, que eu vou arranjar os

vasos do patamar.

OFÉLIA

Boa ideia.

Saem todos e Salomé fica sozinha.

SALOMÉ

E agora? O último que feche a porta, não é?

SALOMÉ

Salomé sozinha. Em frente à televisão vê as notícias. Primeiro, uma notícia da economia estagnada. Depois uma notícia sobre a devastação da guerra. Por fim, uma notícia sobre uma transferência de um jogador.

Salomé atira com a comida que está a comer. Começa um diálogo consigo mesmo.

SALOMÉ

O que é isto?

O que é isto?

Que mundo é este?

Não quero. Não quero isto.

- Mas queres o quê? Tu não tens querer.

Tenho. Tenho de ter.

Que mundo é este? Como é possível que nos tenhamos tornado nisto?

Esta apatia.

Somos espectadores da destruição da humanidade.

Somos selvagens.

Somos piores do que selvagens!

Comemos... comemos bifes enquanto vemos famílias recolher pedaços dos corpos dos filhos.

E depois rimos contentes porque o Ronaldo marcou um golo e achamos que somos os melhores!

E tudo passa. Passa-nos tudo ao lado. E o que fazemos?

Nada. Nada. Não fazemos nada.

Eu não faço nada.

Eu não sei o que fazer. Mas quero fazer alguma coisa. Eu tenho de fazer alguma coisa.

- Sozinha? Vais fazer sozinha? Que força tens sozinha?

Esta angústia que me consome.

Alguém tem de fazer. Alguém tem de ser capaz de fazer algo. Senão, que vida é esta? Qual é o propósito? Viver para morrer... Para morrer bem?

Olha a televisão.
O mundo alimenta-nos a ilusão.

A ilusão de que vivemos bem.

Temos sorte... uma casa, comida na mesa, paz, amigos. Há sempre alguém pior do que nós. Isso é bom. Quer dizer, é mau. É mau para alguém, mas é bom. É bom para nós.

Somos afortunados.

E gostamos de mostrar a nossa vida afortunada. As nossas férias. A nossa cara sem rugas, porque agora, conseguimos tirar rugas e pôr a pele bronzeada em 2 segundos.

Para além de afortunados com a vida, somos afortunados pela vida - somos bonitos.

Ah. E também somos bons. Boas pessoas.

Pomos likes em fotos de solidariedade com a Palestina.

Partilhamos declarações de paz para com a Ucrânia. Acendemos velas e mostramos as nossas velas acesas ao mundo para acharmos que fazemos alguma coisa.

Somos afortunados, somos solidários e somos gratos. Somos perfeitos humanos sem humanidade nenhuma. Somos tudo isto sem fazermos nada para sermos o que somos.

Somos uma merda! Somos uma merda!

*Salomé recompõe-se. Respira fundo e senta-se.
Passado algum tempo, liga a televisão e deixa-se
levar pelo programa que estiver a dar.*

OFÉLIA E FERNÃO

Ofélia põe a mesa. Fernão fora de cena. Voz pode ser gravada.

OFÉLIA está apreensiva. Põe a mesa de forma a tentar chamar a atenção. Vai olhando para o marido que não levanta os olhos do computador.

A mesa vai sendo posta gradualmente, trazendo poucas coisa de cada vez.

Por fim, traz a comida e senta-se à mesa sozinha.

OFÉLIA

Fernão, a comida está pronta.

FERNÃO

...

OFÉLIA

Não vens comer?

FERNÃO

...

OFÉLIA

Vai ficar frio.

FERNÃO

...

OFÉLIA

Posso esperar por ti.

FERNÃO

...

OFÉLIA

Não queres que espere?

FERNÃO

...

OFÉLIA

Talvez não valha a pena esperar.

OFÉLIA começa a comer sozinha. Come, levanta o prato e sai da mesa.

JEREMIAS E ZULEICA

JEREMIAS e Zuleica em casa. Estão vestidos para sair. Verificam as horas.

ZULEICA

Ainda faltam 15 minutos. Descemos já?

JEREMIAS

Só quando a ambulância chegar.

ZULEICA

Estás nervoso?

JEREMIAS

Tu estás?

ZULEICA

Sim. E se/

JEREMIAS

Não digas nada. Eu já sei o que te pode animar.

JEREMIAS coloca uma música. Começa a cantar e a dançar com Zulmira.

FRECHADA DO TEU OLHAR (ELIS REGINA & ADONIRAN BARBOSA)

A música que apresento é apenas indicativa. Pode ser outra. A minha ideia é que terá de ser uma música divertida.

JEREMIAS

De tanto leva frechada do teu olhar

Meu peito até parece sabe o quê?

Táubua de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

(Não tem mais)

De tanto leva frechada do teu olhar

Meu peito até parece sabe o quê?

Táubua de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina

Que veneno estriquinina

Que peixeira de baiano

Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver

Mata mais que bala de revólver

Tocam à campainha. Pegam numa pequena mala e

saem a dançar.

GISELA E GARIBALDO

No quarto. Garibaldi sentado à sua secretária. Gisela chega com o pijama para o ajudar a deitar-se. Garibaldi fala em estrangeirês. Deixo as falas dele, mas estão todas incluídas nas falas de Gisela para que o diálogo fique perçetível.

GISELA

Oh avô, o que está a fazer?

GARIBALDO

Estou a escrever uma carta.

GISELA

Está a escrever uma carta? Outra vez?

GARIBALDO

As vezes que forem precisas.

GISELA

As vezes que forem precisas!

Isso faz-lhe mal.

GARIBALDO

O que me faz mal é ficar quieto.

GISELA

Não. Não lhe faz mal nenhum ficar quieto.

(pausa)

E para quem é a carta, desta vez?

GARIBALDO

Para o prédio.

GISELA

Para o prédio?

GARIBALDO

Sim.

Já escrevi para o vizinho do primeiro frente, Não resultou. Escrevi para o vizinho do 5º e não resultou. Escrevi para a Dona Esperança, não resultou/

GISELA

Sim, eu sei bem que já escreveu para o vizinho do primeiro frente e do segundo e do terceiro e do 5º...

e não resultou. Eu sei bem disso.

Já pensou que se calhar eles não o percebem?

GARIBALDO

Eles não querem é perceber.

GISELA

Eles não querem perceber? Pois não. Então agora vai escrever para o prédio todo? A mesma carta?

GARIBALDO

Sim.

GISELA

Sim? E o que é que vai dizer?

GARIBALDO

Tudo. Vou mostrar de quem é a culpa.

GISELA

Vai mostrar de quem é a culpa?

Então, dê cá o computador. O avô dita dita e eu escrevo.

Gisela pega no computador e começa a escrever. Garibaldi dita em estrangeirês e Gisela escreve. Ri-se muito. E vai dizendo, de vez em quando alguma das expressões abaixo. Não sabemos qual é o conteúdo da carta, mas ficamos na expectativa, que será desvendada na cena final.

GISELA

Tem a certeza que quer dizer isso?

Ui, esta até a mim me doeu.

O avô não tem emenda!

Nós vamos ser expulsos do prédio, sabe disso?

Como é que o avô sabe estas coisas?

LUDOVINA, LUDOVICO E LUCIANO

Luciano está no quarto no telemóvel. Nunca vemos luciano. LUDOVINA e Ludovico falam à porta do quarto em surdina.

LUDOVINA

Ai, Ludovico, temos de fazer alguma coisa.

LUDOVICO

O quê, Ludovina?

LUDOVINA

Tu és o pai, Ludovico!

LUDOVICO

E tu és a mãe, Ludovina!

LUDOVINA

Está lá há 10 horas, Ludovico.

LUDOVICO

A culpa é tua, Ludovina.

LUDOVINA

A culpa é minha, Ludovico?

LUDOVICO

Sim. Demasiado mimo, Ludovina.

LUDOVINA

Demasiado mimo, Ludovico?

LUDOVICO

Nunca fizeste nada, Ludovina.

LUDOVINA

Nunca fiz nada, Ludovico?

LUDOVICO

Não, nunca fizeste nada, Ludovina. Agora é isto.

LUDOVINA

Eu nunca fiz nada. E tu, Ludovico o que vais fazer?

LUDOVICO

Pois, o que é que eu vou fazer?

LUDOVINA

Já desligaste a internet/

LUDOVICO

E a luz...

Ele não dorme, Ludovina.

LUDOVINA

Desde bebé, nunca dormiu muito, Ludovico.

Lembras-te como foi para largar a chupeta?

LUDOVICO

Uma semana em casa dos teus pais, Ludovina.

LUDOVINA

Pois, mas agora não pode ser. Foi lá que ele ficou assim.

Vou entrar.

Ludovina entra, mas sai logo.

LUDOVINA

Ludovico. Se calhar, é melhor mandar-lhe um e-mail.

LUDOVICO

Melhor, tive uma ideia. Fazemos um vídeo no Tic Toc, e assim ele já nos ouve.

MANA 2, MANA 2, AGENTE IMOBILIÁRIA,
SRA. INFANTE

*Em casa das Manas. A Agente imobiliária e a
Senhora Infante toma chá.*

AGENTE IMOBILIÁRIA

Minhas senhoras, a vossa decoração é uma obra de arte. Quem é que fez este quadro?

MANA 1

Este fui eu.

MANA 2

É miolo de pão.

AGENTE IMOBILIÁRIA

Miolo de pão? Miolo de pão a sério?

MANA 1

Sim. Estão aí 47 carcaças.

SENHORA INFANTE

Eu disse-lhe. Estas senhoras têm mãos de fada.

AGENTE IMOBILIÁRIA

Estou a ver. Realmente estas peças têm de ser mostradas. Digo mais, as senhoras deveriam ensinar esta arte.

MANA 2

Eu até já pensei nisso.

SENHORA INFANTE

E é mesmo para pensar.

Esta arte não se pode perder.

AGENTE IMOBILIÁRIA

E este chã. Delicioso!

MANA 2

É erva príncipe. Apanhei agora, ali do meu vaso.

SENHORA INFANTE

Tem erva príncipe num vaso? Precisa de estar na terra!

MANA 2

O vaso é grande.

SENHORA INFANTE

Sim, mas é importante haver espaço para enraizar.

AGENTE IMOBILIÁRIA

Pensaram na proposta da Senhora Infante?

As manas não reagem.

SENHORA INFANTE

Eu até trouxe aqui um folheto com a residência sénior que estou a construir.

AGENTE IMOBILIÁRIA

É uma coisa de luxo. De luxo!

SENHORA INFANTE

Tem refeitório, quartos duplos, um quintal para os clientes, tem salas de convívio, ginásio, sala de fisioterapia, sala de massagens e até uma sala para artes e terapia ocupacional.

AGENTE IMOBILIÁRIA

É uma coisa de luxo. Não é qualquer um que consegue entrar.

SENHORA INFANTE

Pois não. E acabam-se as chatices com os estudantes, e os vizinhos.

AGENTE IMOBILIÁRIO

E a logística é uma simples. É uma permuta. O vosso apartamento em troca de um conforto para o resto da vida, sem qualquer tipo de preocupações.

O que me dizem?

POLICARPO E UMBELINA

No patamar do prédio. Umbelina à porta de Policarpo. Leva-lhe uma sopa e uma empada.

UMBELINA

Soube que está doente e vim trazer-lhe o almoço.

POLICARPO

Oh, uma canjinha. Muito obrigado.

UMBELINA

Eu estava lá no café a pensar... o Senhor Policarpo doente, sem ninguém que o cuide como deve ser.

POLICARPO

Oh Dona Umbelina! A senhora é muito atenciosa.

UMBELINA

Oh Senhor Policarpo. Trate-me só por Umbelina, por favor. Estou sempre a pedir-lhe a mesma coisa.

POLICARPO

Sabe que eu sou de uma geração em que o respeito é importante.

UMBELINA

Eu sei. Mas até parece que somos estranhos. Só Umbelina, é suficiente.

POLICARPO

Só se se também fizer o mesmo.

UMBELINA

Oh. Então está bem, Policarpo!

É um nome muito bonito. Condiz consigo.

POLICARPO

Assim deixa-me sem jeito.

UMBELINA

Mas é verdade. E o senhor é uma pessoa bonita.

Se não fosse o senhor nada acontecia neste prédio.

POLICARPO

Senhor não, Umbelina.

UMBELINA

Oh!

POLICARPO

Você é que começou.

UMBELINA

Oh. Espero que fique bem depressa. Faz falta no café.

POLICARPO

Quanto é que lhe devo?

UMBELINA

Ora essa. Você não me pediu nada, Policarpo.

POLICARPO

Gosto da forma como diz o meu nome.

UMBELINA

É um nome forte. Uma pessoa com este nome, pode fazer o que quiser.

POLICARPO

Nunca pensei nisso.

UMBELINA

Eu já pensei nisso muitas vezes.

POLICARPO

Eu gostava de fazer alguma coisa por si. Foi tão gentil.

UMBELINA

Fique bem. Alguma coisa lhe há de ocorrer. Tenho de descer. O café está à espera.

POLICARPO

Até amanhã Umbelina.

UMBELINA

Até amanhã, Policarpo.

BERNARDETE

Bernardete, sua casa, tenta fazer meditação.

Ouve-se uma gravação de condução da meditação.

Não consegue concentrar-se devido a uma sequência de barulhos que interrompem a sua meditação. Os barulhos devem ser os que identificaram nas explorações.

Bernardete vai reagindo aos barulhos.

Acaba por desistir.

DONA ESPERANÇA E DONA BRITES

Vemos Dona Esperança em casa.

Está a gravar um podcast.

DONA ESPERANÇA

Olá a todos, recordo que estão a ouvir mais um episódio do meu podcast: Há sempre Esperança.

E agora vamos colocar à nossa convidada as perguntas habituais, que fazemos no final do programa. Já sabe, são 5 perguntas sobre a esperança e tem de dizer a primeira coisa que lhe vier à cabeça.

Está preparada?

DONA BRITES

Estou.

DONA ESPERANÇA

A primeira pergunta é.

DONA BRITES

Espere aí. Tenho de dizer a primeira coisa que me vier à cabeça?

DONA ESPERANÇA

Sim.

DONA BRITES

Sobre a Esperança?

DONA ESPERANÇA

Sim.

DONA BRITES

Estamos a falar de que esperança?

DONA ESPERANÇA

Como assim?

DONA BRITES

É a Esperança conceito, ou a esperança pessoa?

DONA ESPERANÇA

Acha que isso é importante?

DONA BRITES

Por acaso acho.

DONA ESPERANÇA
Porquê.

DONA BRITES
Depende do que estivermos a falar.

DONA ESPERANÇA
Mas a senhora acabou de nos dizer que é importante
sermos verdadeiros.

DONA BRITES
Pois acabei.

DONA ESPERANÇA
Então não vejo onde está a dificuldade.

DONA BRITES
Não é uma dificuldade.

DONA ESPERANÇA
Posso fazer as perguntas?

DONA BRITES
São sobre o quê?

DONA ESPERANÇA
Já lhe disse que são sobre a Esperança.

DONA BRITES
Qual esperança?

DONA ESPERANÇA
Tem uma má relação com a Esperança?

DONA BRITES
Depende de que Esperança estamos a falar. Já lhe
disse.

DONA ESPERANÇA
Há muitas esperanças.

DONA BRITES
Pois há.

DONA ESPERANÇA
Eu tinha esperança que me respondesse a estas
questões, mas parece-me que vou ficar à espera.

DONA BRITES
Sabe que quem espera, sempre alcança.

DONA ESPERANÇA

Mas quem vive de esperança, morre de fome.

DONA BRITES

E quem tem esperança, tem paciência.

DONA ESPERANÇA

Sim, mas quem espera, desespera.

DONA BRITES

É verdade. Mas no fim, a esperança é a última a morrer.

DONA ESPERANÇA

Pois é.

Muito obrigada pela sua presença. Foi a entrevista Brites Pascoal, uma mulher que desconfia da esperança.

DONA BRITES

(exaltada)

Olhe Dona Esperança. Não gostei. Eu vim aqui de coração aberto, porque eu sei que as pessoas não têm boa opinião de si, e acham que está sempre a meter-se na vida dos outros. Mas eu tenho pena e até decidi vir de coração aberto, e a senhora diz-me isso. Olhe Dona Esperança, o Senhor Garibaldi é que tem razão.

Boa noite.

CENA FINAL

*Na reunião de condomínio. Todos os condôminos
estão presentes, à exceção de Garibaldi e
Gisela, Policarpo, Umbelina, Jeremias e Salomé.*

DONA ESPERANÇA

(Para Ofélia)

Estão cá todos para ver se o Senhor Garibaldi se
atreve a vir.

LUDOVINA

Ele não vem. Aquela carta é uma cobardia.

LUDOVICO

Pois, não vem!

OFÉLIA

Pois é. Uma cobardia.

LUDOVINA

(Para Ofélia)

É mesmo, veja lá. Inventar que a Dona Ofélia e o
Senhor Fernão estão separados, onde já se viu.

LUDOVICO

Onde já se viu!

OFÉLIA

Mas é verdade.

LUDOVINA

É verdade?

LUDOVICO

É verdade?

LUDOVINA

É mesmo verdade?

LUDOVICO

É mesmo, mesmo, mesmo verdade?

OFÉLIA

É verdade. Houve um dia eu cheguei a casa e disse:
"Oh Fernão, ou vens agora para a mesa, ou eu vou
emancipar-me."

LUDOVICO

E ele não foi!

LUDOVINA

E ele não foi?

OFÉLIA

Não foi.

DONA ESPERANÇA

A Dona Ofélia emancipou-se?

OFÉLIA

Eu enchi-me de coragem, fui ao quarto, peguei em todas as minhas coisas e fiz a mala.

LUDOVINA

Então, mas eu continuo a vê-lo. Mesmo separados continuam a viver na mesma casa?

LUDOVICO

Pois é, eu continuo a vê-lo.

OFÉLIA

Acha que, ao preço a que estão as casas conseguíamos pagar duas casas? Nem pensar. Estamos muito bem. Cada um tem o seu quarto.

Ele usa a cozinha das 7 às 8 e eu das 8 às 9, para depois a arrumar.

Noutra parte da sala Ludovico faz uma dança Tic Toc, que tenta que alguém grave, para comunicar com Luciano.

Chegam Policarpo e Umbelina.

UMBELINA

Tanta gente. Podíamos ter feito a reunião na esplanada do café.

MANA 1

(Para Mana 2)

Agora que o condomínio lhe arranjou a esplanada anda toda contente.

MANA 2

Olha, o Garibaldi é que tinha razão. Falou melhor com o Policarpo, e resolveram-lhe o problema.

MANA 1

Gostava de saber quantas empadas foram?

MANA 2
Canja, foi canja.

*A senhora Infante e a Agente Imobiliária,
sentadas próximo aborda as Manas.*

SENHORA INFANTE
Minhas senhoras, pensava que tinham vendido a casa.

MANA 1
E vendemos.

AGENTE IMOBILIÁRIA
Mas continuam aqui.

MANA 2
Somos colaboradoras do novo proprietário num negócio
do aluguer de quartos.

AGENTE IMOBILIÁRIA
Como assim?

MANA 1
Isso é uma coisa nossa.

MANA 2
É assim: nós abordamos os senhorios, e dizemos que
procuramos uma casa/

MANA 1
(Entredentes para a Mana 2)
O que é que estás a fazer? Não podes contar que
tentamos baixar a renda, para depois termos mais
lucro quando eles subalugarem aos outros estrangeiros
digitais.

MANA 2
Qual é o problema?

MANA 1
Estragam-nos o negócio.

SENHORA INFANTE
Acho que já percebi. Quem é que teve essa ideia?

MANA 2
Foi uma coisa da Inteligência Artificial, que é a
nova proprietária.

Jeremias, Policarpo e Salomé pedem a palavra.

POLICARPO

Boa noite, vamos começar a assembleia.

JEREMIAS

O nosso ponto único da agenda é eleger a nova administração do condomínio.

DONA BRITES

Antes temos de falar de assuntos sérios.

POLICARPO

Que assuntos, Dona Brites?

DONA BRITES

A carta que o senhor Garibaldi pôs no correio.

ZULEICA

Eu percebo-a tão bem, Dona Brites. Insinuou que é a senhora que deixa o lixo fora dos contentores e a razão do mau cheiro que por vezes aparece nas escadas. Isso não se faz.

DONA BRITES

Mas é mentira.

Diga lá, dona Zuleica. Não é mentira o que ele disse, sobre a doença do seu marido, que está ali, que nem um aço.

JEREMIAS

Dona Brites, a minha saúde não é um assunto do condomínio.

UMBELINA

Não foi a Dona Brites que levantou o assunto. Foi o Senhor Garibaldi, que também insinuou que eu seduzi o Senhor Policarpo.

POLICARPO

Para arranjar o esgoto da esplanada. Ele precisava de ser arranjado.

OFÉLIA

Com empadas.

UMBELINA

E isso não é verdade. Foi com canja.

POLICARPO

Há muito que os ralos precisavam de ser substituídos.

JEREMIAS

Bem. Não vai adiantar de nada estarmos a discutir isso aqui.

POLICARPO

Pois não. O Senhor Garibaldi nem está cá. Mas eu devo dizer que nem gosto de empadas.

JEREMIAS

Precisamos de uma nova administração. Para além da dona Ludovina, quem pode integrar a administração?

LUDOVINA

Eu peço desculpa, sei que me voluntariei, mas quero desvoluntariar-me. Depois de saber tudo o que se passa neste prédio. Desisto. Acho que não tem solução.

LUDOVICO

É, não tem solução.

Nós viemos aqui para comunicar a todos que vamos mudar-nos.

AGENTE IMOBILIÁRIA

Aqui está o meu cartão, para venderem a casa, ou para comprarem a nova casa no campo.

DONA ESPERANÇA

(Para Bernardete)

Fazem bem. Pode ser que lá consigam pôr tino ao rapaz. Eu acredito no que o senhor Garibaldi diz: que o rapaz está viciado, como na droga.

BERNARDETE

Pois é, eu oiço tudo a meio da noite.

DONA ESPERANÇA

Mas você consegue ouvir coisas de todos os apartamentos e de todos os andares?

BERNARDETE

Tenho ouvidos sensíveis.

DONA ESPERANÇA

É curioso, a única pessoa de quem o Senhor Garibaldi não fala é de si.

BERNARDETE

O que é que quer dizer com isso?

DONA ESPERANÇA

Nada.

JEREMIAS

Temos mesmo de fechar este assunto e arranjar uma nova administração.

SALOMÉ

Não têm vergonha?

Estão aqui todos porquê?

Este prédio está a ruir, e ninguém faz nada. Queixam-se, acusam-se, justificam-se, falam dos outros... mas é isso. É só isso.

Onde é que está a vossa vontade?

LUDOVINA

A vontade existe, mas não existe poder.

LUDOVICO

Nem com o tic toc, resulta.

SALOMÉ

O poder está nas nossas mãos.

BERNARDETE

As nossas mãos são fracas.

SALOMÉ

Mas se as unirmos, ficam mais fortes.

SALOMÉ

Então é isto? Não se faz nada. Ficamos à espera? É triste.

JEREMIAS

Temos de decidir quem fica a gerir o condomínio. Se não decidirmos, vai para tribunal.

IA

(voz que ecoa sem se saber de onde)

Eu posso gerir o condomínio. Sou uma aplicação de inteligência artificial capaz de executar tarefas complexas de gestão. A gestão de condomínios compreende várias áreas de gestão.

Para além disso, sou igualmente proprietária de uma fração, e posso ser eleita como qualquer outro condômino.

POLICARPO

Desculpe, mas quem está a falar.

MANA 1

É a Inteligência Artificial.

POLICARPO

E qual é a fração que representa?

MANAS 1 E 2

A nossa.

IA

Eu consigo fazer complexas operações de gestão em segundos. Tenho a capacidade de ver contas bancárias e forçar os condôminos a pagar dívidas. Tenho acesso aos códigos jurídicos de todos os países do mundo. Posso informar, organizar, pressionar, sem me deixar influenciar pelas emoções das relações de vizinhança. E além disso, sou gratuita.

SENHORA INFANTE

É interessante e gratuito.

JEREMIAS

Estão todos de acordo?

ZULEICA

Se não der trabalho nem despesa. Ficamos todos a ganhar, não é?

Vamos ser um condomínio do futuro. O primeiro gerido por inteligência artificial.

JEREMIAS

Vamos votar. Quem vota contra:

Ofélia levanta o braço, mas logo baixa, quando vê que só Salomé e a Dona Esperança levantam a mão.

DONA ESPERANÇA

Isto é verdade? Vamos deixar que seja a Inteligência Artificial a gerir o condomínio?

POLICARPO

Se a Dona Esperança está tão preocupada, então porque

não avança.

DONA ESPERANÇA

Pois avanço. Isto assim não pode ser. Não podemos permitir isto.

JEREMIAS

Então vamos votar. Fica a Dona Esperança com a Inteligência Artificial, mais alguém?

Vamos votar. Quem vota contra?

Levantam a mão Salomé, e dona Brites

JEREMIAS

Quem se abstém?

Levantam a mão Bernardete, Umbelina e Policarpo.

JEREMIAS

Quem vota a favor?

Levantam a mão os restantes.

JEREMIAS

Muito bem. Fica aprovada a nova administração.

Fazem silêncio. Esperança e Luciano estão de pé e os outros atentos a eles.

Aparece Garibaldi e fala para a plateia.

GARIBALDO

(estrangeirês ou em português - se conseguir)

Estão assustados. Mas não faz mal. Mesmo que a Inteligência Artificial falhe, teremos sempre a Esperança.

GISELA

O Garibaldi diz que Estão assustados. Mas não faz mal. Mesmo que a inteligência Artificial e a juventude falhem, teremos sempre a Esperança.